

O quarto golpe

Rodrigo Blum
Paulo Cesar Endo

Resumo O quarto golpe narcísico é o ponto de partida e chegada deste artigo. Para tanto, iremos analisar de que forma a íntima relação entre verdade e mentira se entrelaçam numa época dominada pelo fenômeno denominado pós-verdade. No entanto, não é exatamente a força difusora das *fake news*, nem mesmo a oposição verdade/mentira o que nos interessa investigar neste artigo. O que provoca interesse e curiosa investigação é a profunda ligação deste fenômeno com as formas de subjetivações, ou ainda, as convicções e crenças que se aglutinam e se compactam em torno dos narcisismos produzindo cinzas.

Palavras-chave Pós-verdade, *fake news*, narcisismo, golpe.

Rodrigo Blum é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professor do Curso Conflito e Sintoma do ISS.

Paulo Cesar Endo é psicanalista, pesquisador e professor livre-docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo-USP, coordenador do Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos, Democracia e Memória do Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP).

Poucos se lembrarão que em 19 de agosto de 2019, às 15 horas, a tarde virou noite em São Paulo. De uma hora para outra a cidade entrou dentro de uma nuvem negra e espessa. Uma grande fumaça vinda de queimadas contribuiu para a escuridão, segundo especialistas. Como vítimas passivas de um filme de terror, a impressão do apocalipse parecia real e, sobretudo, prenunciava os tempos sombrios. Seríamos engolfados pela sombra do mal e das profundezas de um destino de horrores que parecia anunciar-se naquela tarde sinistra e escura em plena luz do dia. As nuvens que se avolumavam nos céus de São Paulo carregavam as cinzas de um mundo pós-identitário e pós-apocalíptico onde matas, mamíferos, acervos, museus e pessoas são carbonizados na lógica da pós-verdade. Em um cenário ausente de castração e repleto de violência, o cheiro de corpos incinerados nos remete a outras cinzas, efeito da resolução de singularidades em pó. Confundidas em uma espessa camada de pós-ultramodernidade, as queimadas de uma civilidade funesta passam a ser entendidas como meritocracias. Sobrevivem os melhores? Os mais fortes? Os armados? Os boçais? A lógica pós-moderna, ou ainda, da pós-verdade, estabelece o cinza como cor natural e o carbono como lei imperial. Na era da mentira o que se diz não se escreve, ou quando se escreve não se assina e, imediatamente, prescreve. Essa é a lei das queimadas. Queima-se o que se escreveu, carboniza-se o que se plantou, e destrói-se o que levou tempo para, enfim, existir. O contraste entre dia e noite, certeza e dúvida, espanto e mistério, verdade e mentira flutuava como uma nuvem enigmática sobre todos. Uma pergunta, no entanto, apresentava-se em meio a tanto estranhamento: será que vai chover?



*o que mal se sabia era
que a verdade, essa tão preciosa
certeza, estava sob suspeita,
ou ainda, não seria mais
possível afirmar que onde
há fumaça há fogo!*

A chuva é uma certeza. Certeza fenomenológica da natureza. Certeza de um Real inquestionável e inegociável. Certeza da verdade da rocha dura que cairia dos céus e apagaria todas as catástrofes, lavaria todas as almas e reinventaria um mundo que não pôde ser.

Mas não choveu! Um dia de noite imperou e a previsão de dias melhores soçobrou em espanto.

A nuvem de fumaça dissipou-se ao longo do dia e a noite que era dia encontrou-se com a noite do dia. A escuridão não mais desapareceu, muito ao contrário, o passar do tempo mostrou que o prenúncio dos tempos de horror não eram somente um anúncio prévio, mas uma certeza terrível de um futuro sombrio, triste e mortífero.

Rapidamente as certezas científicas dos meteorologistas trataram de nos resgatar da espessa incerteza negra que nos envolvia. Muito claramente, por mais paradoxal que possa parecer, a explicação parecia lógica: “O material particulado, oriundo da fumaça produzida por esses incêndios silvestres de grande porte que estão acontecendo na Bolívia, conjugado com o ar frio e úmido que está no litoral de São Paulo, causou a escuridão”.¹

Pronto, estávamos explicados!

A ciência, com sua metodologia determinada e sapiência inequívoca, revelaria sua verdade, pronta para nos resgatar da ameaça apocalíptica. O que mal se sabia era que a verdade, essa tão preciosa certeza, estava sob suspeita, ou ainda, não seria mais possível afirmar que onde há fumaça há fogo! E sol a pino não significava mais dia.

Voltemos então para 2016, importante ano para o Brasil. E para o mundo também. Na esfera política seria fácil afirmar que a palavra “golpe” de longe seria o termo correto nos próximos quatro anos no Brasil. Porém, não foi essa a escolha da Oxford Dictionaries, departamento da Universidade de Oxford responsável pela elaboração de dicionários, como palavra de língua inglesa do ano, mas sim *post-truth* [pós-verdade]. A instituição definiu a “pós-verdade” como um substantivo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”².

A fumaça vinda das queimadas da região amazônica que encontrou a frente fria do litoral paulistano, gerando uma camada espessa de nuvem escura, não era apenas um prenúncio dos tempos futuros, mas um sintoma de uma fogueira profunda e altamente contagiosa de tempos atuais. O desmatamento provocado pelo atributo de pós-verdade, aliado à selvageria humana de destruição das verdades e dos fatos, ganhou ares de realidade em uma dimensão inimaginável. A maliciosa aliança entre a descrença e a crença absoluta, estabeleceram um campo fértil para a verdade da mentira. As chamadas *fakes news* passaram a fazer parte dos meios de comunicação em massa e sobretudo da teia discursiva de um mundo dominado pelo imperativo contagioso de uma falsa notícia que se espalha como um vírus pandêmico.

A difusão de informações falsas e seu alto contágio é certamente resultante de uma extemporaneidade na qual o fenômeno da pós-verdade é talvez seu representante mais fiel. Não somos mais contemporâneos e o tempo não nos aglutina desde que o tempo de morte de uns se tornou o tempo de exultação e júbilo de outros.³

No entanto, não é exatamente a força difusora das *fake news* nem mesmo a oposição verdade/mentira que nos interessa investigar neste artigo. O que provoca interesse e curiosa investigação é a profunda ligação deste fenômeno com as formas de subjetivações, ou ainda, as convicções

e crenças que se aglutinam e se compactam em torno dos narcisismos primários, produzindo cinzas. Cinzas nesse caso é prenhe de significados justapostos. São as cinzas dos pactos, regras, leis que se esfumaçam fazendo proliferar uma miríade de microgrupos que possuem e defendem uma verdade única e sem poros que, por sua vez, remonta e exerce o ódio como afeto primário impossível de deslocar-se: impossível não odiar.

Antes de discorrermos acerca do objeto central deste trabalho, qual seja, o quarto golpe narcísico, será fundamental fazermos uma importante discriminação entre mentira, desmentira e pós-verdade. De muitas maneiras poderíamos iniciar esse longo percurso divisório desses diferentes conceitos, no entanto, vamos tomar um caminho que nos parece central: o conceito de verdade. Verdade aqui será entendida do início ao fim como ato discursivo, e, como tal, não se pode concebê-la forçadamente duradoura, tampouco absoluta.

Ao partirmos da ideia de que a verdade é um ato de linguagem e que seus efeitos são invariavelmente submetidos aos princípios de uma realidade subjetiva, aproximamos em muito o conceito de verdade do crivo de uma interpretação. A verdade dos fatos deixa de se apresentar como dado de uma realidade minimamente compartilhada, para assumir uma narrativa detentora de uma propriedade que em si só se torna um fato absoluto.

»
«à política fundamentada no ideal
de uma identidade pura advinda
do sangue e do solo e baseada
no idêntico – a raça em última
análise –, Freud contrapõe os achados
psicanalíticos da irreduzível divisão do eu

[B. Fuks]

Assim, o que torna verdades parciais não compartilháveis e mina as possibilidades do consenso não são as possíveis e distintas interpretações possíveis e infinitas inerentes ao próprio ato discursivo, mas a recusa prévia de qualquer possibilidade de consenso em função de uma verdade que antes, e em si, já é absoluta. Como tal, portanto, deixa de ser um ato de linguagem para tornar-se coisa, objeto sólido e inquebrantável que se atira, golpeia-se, arremessa-se contra outrem, ato contínuo, também convertida em coisa a ser destruída.

No percurso freudiano entre *Totem e Tabu* (1913) e *Moisés e o Monoteísmo* (1938) pistas foram deixadas no que tange à ausência da responsabilidade no desfecho do assassinato do pai nas duas obras, no recrudescimento do ódio como modo de transmissão que faz soçobrar o exercício da linguagem.⁴

Como observa Fuks em “O homem Moisés e a religião monoteísta” como uma réplica à discursividade nazista:

À política fundamentada no ideal de uma identidade pura advinda do sangue e do solo e baseada no idêntico – a raça em última análise –, Freud contrapõe os achados psicanalíticos da irreduzível divisão do eu. Qualquer que seja a identidade cultural, ela só se realiza como um jogo transitório de diferenças e antagonismos as identificações como um jogo minado e redesenhado pela memória de uma escrita de traços e letras intraduzíveis – a herança arcaica –, mas por outro lado, traduzíveis, na medida em que são lidos e narrados. Tal foi a réplica freudiana

- 1 G1. “Dia vira ‘noite’ em SP com frente fria e fumaça vinda de queimadas na região da Amazônia”, 19 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/08/19/dia-vira-noite-em-sao-paulo-com-chegada-de-frente-fria-nesta-segunda.ghtml>. Acesso em: 8 jul. 2023.
- 2 Cambridge Dictionary. “Post-truth”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/post-truth>. Acesso em: 8 jul. 2023.
- 3 Ver Endo, P. C. “A dor dos recomeços: luta pelo reconhecimento e pelo dever histórico no Brasil”. *Revista Anistia Política e Justiça de Transição*, v. 2, p. 50-63, 2009.
- 4 Ver Endo, P. “A ressurgência do tirano como inscrição denegada da constituição da fratria”. *100 anos de Totem e Tabu*. Orgs: Betty Fuks, Nestor Braunstein, Carina Basualdo. Rio de Janeiro: Contra-capla, 2013. Ver também: Fuks, B. *Freud e a Judeidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. Nesses textos pode-se encontrar reinterpretaciones dessas obras deflagradas em períodos de crise e dor que Freud sempre buscou superar pelo ofício da escrita, provocando a psicanálise a dizer o que, até então, calava.



*ainda que mentira e pós-verdade
possam se aproximar no que
concerne popularmente à ideia
do que é fake news, é fundamental
observarmos diferenças
essenciais entre esses dois
fenômenos discursivos*

ao discurso nazista, que, sob o registro da identificação mimética a seu líder, terminou fabricando uma máquina de transformar alteridades em cadáveres⁵.

É nesse contexto de identidades sem alteridades e verdades sem fatos ou de fatos sem lastros que vamos encontrar o conceito de pós-verdade. Se a mentira está diretamente ligada à própria constituição subjetiva dos sujeitos, já que é da propriedade humana um autoengano ao estabelecer uma crença na existência da espécie; a pós-verdade é o ato subversivo da realidade fatural. Ainda que mentira e pós-verdade possam se aproximar no que concerne popularmente à ideia do que é *fake news*, é fundamental observarmos diferenças essenciais entre esses dois fenômenos discursivos. Para começar, é importante ressaltar que o prefixo “pós” adicionado ao substantivo verdade parece não significar, logicamente, nem um período após a verdade em termos temporais, tampouco totalmente a sua descredibilização.

O que se pode afirmar é que a questão está intrinsecamente associada a uma superação do desejo de verdade, ao menos no que se refere a uma verdade alheia, “escutável”, compartilhável e efeito da possibilidade da dúvida. Ou seja, um desinteresse dos sujeitos em estabelecer uma busca heurística das verificações dos fatos, ou ainda, mais vale a manutenção das crenças, convicções e identidades como redutos privados de poder, do que dúvidas, ideias e conhecimento no jogo aberto das identificações. Isso na pior das hipóteses. Na melhor seria uma recusa absoluta ao

diálogo pautado por argumentos, ideias e possível aprendizagem mútua. É a declaração do fim da conversa. O que se confinava a “política, futebol e religião não se discute” alcançou todas as esferas da vida social e coletiva e atesta a impossibilidade de mudar de posição, enquanto não se reposicionam afetos. É o velho e aterrorizador ame-o ou deixe-o colocado em prática nas microrrelações.

Dado que o elemento prefixal “pós” não estabelece uma precondição temporal ou negativa à verdade, podemos entender que pré-estabelecida está, portanto, uma leitura pré-programada e em grande medida enviesada pelos sujeitos acerca dos eventos sociais, ou seja, qualquer experiência gera a possibilidade de ser, radical e autocraticamente, generalizada.

Veremos agora que a mentira, a *fake news* e a pós-verdade, apesar de fazerem parte de um mesmo contingente de informações descontraídas ou falsas, não representam uma mesma coisa. Por mais que seja possível entender a mentira ou *fake news* em consonância com o fenômeno da pós-verdade, esses atos discursivos que não se apoiam em nada além da vontade pessoal de acreditar ou desacreditar são caracterizados por uma disseminação de informações sabidamente falsas no intuito de levar o sujeito potencialmente a um estado de dissuasão. Mas o sujeito também deseja dissuadir. Assim, sujeito dissuasivo e políticas de aglomeração e massificação constroem juntos a intencionalidade política, econômica e social promotora de extermínios, massacres e segregação e desigualdades brutais.

Já o fenômeno nomeado como pós-verdade exige uma interpretação muito mais ampla e aprofundada do que se entende por falsas verdades. No contingente denominado de pós-verdade, a *fake news* é um entre tantos outros elementos desse complexo discursivo posicional contemporâneo. Nem todo discurso de pós-verdade corresponde a uma mentira, ou ainda, nem sempre esse ato discursivo tão contagioso estabelece estratégias manipuladoras. É possível afirmar que as *fakes news* são divulgadas por corresponderem a convicções há muito instituídas e amplificadas

em uma dimensão de massa. A complexidade reside, portanto, na indisponibilidade dos sujeitos à persuasão, dado o caráter sólido das suas convicções, crenças e sintomas. Renunciar a uma verdade está profundamente ligado a uma renúncia ainda maior, qual seja, a de uma mesmidade convocada e proclamada nos alto-falantes, que, por sua vez, não propõe uma visão de mundo compartilhado, mas impõe uma cegueira em que um mundo não seria possível, já que o propósito é lançar umas carcaças contra outras em sempiterna batalha campal na qual a palavra seria não apenas prescindível, mas recurso dos fracos e tolos. Pode-se afirmar que o sujeito carrega então no seio de seu desejo e anseio de verdade, um desejo de que haja uma única verdade.

Isso significa que a verdade desejada não é aquela dada pela veracidade dos fatos ou mesmo atribuída a uma verdade científica, popular ou do senso comum, mas sim uma verdade que se alia, comunga-se de um conjunto de valores e crenças já pré-estabelecido. A pós-verdade distingue-se da mentira na medida em que não se apresenta como uma contraposição à verdade, mas se afirma como uma verdade inquestionável, uma certeza, um axioma retórico hermeticamente fechado. O jogo violento das narrativas e retóricas ganharam nos últimos anos dimensões planetárias. A pós-verdade se estabeleceu como o vocábulo contemporâneo de maior difusão e disseminação. Ao sujeito cabe um dilema narcísico ainda mais complexo que dantes imaginado. Se para Shakespeare o dilema humano estava atribuído ao Ser, atualmente o mesmo dilema poderia ser proferido na seguinte expressão: verdade ou pós-verdade, eis a questão?

Em 1917, Freud em “Uma dificuldade no caminho da psicanálise” nos apresenta os três severos golpes que sofre o narcisismo universal dos homens destronando-os assim de sua onipotência.

5 B. Fuks. “O legado de Freud”. In: O homem Moisés e a religião monoteísta: três ensaios. Ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Sousa. Porto Alegre: L&PM, 2018, p. 28-29.

6 S. Freud. “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”. In: Edição Standard: Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.17, p. 152.

»
*a verdade desejada não é aquela
dada pela veracidade dos fatos ou
mesmo atribuída a uma verdade
científica, popular ou do senso comum,
mas sim uma verdade que se alia,
comunga-se de um conjunto de valores
e crenças já pré-estabelecido*

Diante do golpe cosmológico, biológico, e sobretudo psicológico, a ideia do Deus-Homem cai por terra. A impossibilidade de confiar completamente na consciência vai levar Freud a afirmar que o Eu não é senhor em sua própria casa. Mais do que isso: já anunciava o paradoxo entre a verdade e a mentira. Dito de outra forma:

“Normalmente, admito, a inteligência que alcança a sua consciência é suficiente para as suas necessidades; e você pode nutrir a ilusão de que fica sabendo de todas as coisas importantes. Em alguns casos, porém, como nó de um conflito instintual como o que descrevi, a função da sua inteligência falha e sua vontade, então, não se estende para mais além do seu conhecimento. Em todo caso, contudo, a informação que alcança sua consciência é incompleta e muitas vezes não é de muita confiança. Com frequência, também, acontece que você só obtém informação dos eventos quando eles acabaram e quando você nada mais pode fazer para modificá-los. Mesmo se você não está doente, quem poderá dizer tudo o que está agitando sua mente, coisas que você não sabe ou das quais tem falsas informações? Você se comporta como um governante absoluto, que se contenta com as informações fornecidas pelos seus altos funcionários e jamais se mistura com o povo para ouvir a sua voz”⁶.

Mais de cem anos se passaram dessa categórica afirmação. Estamos na era das relações líquidas, da realidade virtual, dos transbordamentos, dos quadros fronteiriços, da pós-verdade, do Meta-verso e do debate *queer*. Estaríamos nós, humanos do século 21, às portas do quarto golpe? Golpe



o século da pós-verdade carrega, portanto, em seu campo discursivo mais profundo o dilema das redes. Cabe ao sujeito defrontar-se inequivocamente com a imagem retorcida pela lente de uma sociedade marcada pela era dos pequenos narcisismos

ou pós-golpe? Poderíamos, quem sabe, adjetivá-lo de tecnológico, digital, cibernético? Ou ainda, frente à virtualidade das verdades e subjetividades, poderíamos supor um golpe narcísico cuja fragmentação discursiva e social dos sujeitos (LGBTQIA+, negritude, amarelitude, gorditude, etc) impõe dúvidas e exige reposicionamentos à própria psicanálise. Algo como se nas práticas sociais e discursivas uma miríade de sujeitos possíveis se constituíssem sem que a eles/as fosse dado qualquer lugar prévio, antecipado, para que fosse possível existir, e, mesmo assim, existem. Qual o lugar da prática psicanalítica num mundo em que duvidar de si se torna não apenas impróprio, arriscado, mas também efeito de pusilanimidade e hesitação? Valorações pós-verdadeiras invadem hábitos, costumes, comportamentos e, portanto, psiquismos.

Ao decretar o terceiro golpe narcísico ao Deus-Homem, Freud inscreve o inconsciente como a instância psíquica determinante do comportamento. Assim como Copérnico e Darwin, Freud estabelece ao humano, em sua terceira ferida narcísica, o devido lugar de inferioridade frente ao imaginário onipotente. Golpeado e ferido, ao ser humano coube confrontar-se com o especular destino de não mais ser o centro do universo, não ser imagem e semelhança de Deus e sobretudo, não mais poder confiar por completo na própria consciência. Para algumas/uns, a aliança com Deus deve ser repactuada, para outras/os deve ser desmentida e, para outras/os ainda, deve ser radicalmente afirmada. Muita

atenção tem sido conferida ao conceito de *Verleugnung* (desmentido) em psicanálise. Destaca-se na exploração desse conceito que a comprovação da verdade já não é mais a regra de uma constatação da existência ou não de algo, ao contrário, aquilo que ontem era dado como falso, hoje é radicalmente estabelecido como verdadeiro, mesmo que sua veracidade não seja demonstrada. Basta afirmar peremptoriamente: isso é mentira! Tal afirmação tem a única função de mobilizar afetos desligados e orientar ações, e toda conversa é radicalmente terminada. A palavra converte-se em discurso mandatário e assume seu papel de coisa.

Na era da pós-verdade, a verdade a que se chega por trabalho de consenso, persuasão, convencimento e conversa deixa de ser importante. Se a verdade subjetiva ganha seu caráter de realidade na óptica e na experiência psicanalítica que flutua sobre fantasmas, a verdade na pós-verdade estabelece-se com a complexidade dos axiomas valorais e das crenças que empurram o narcisismo de encontro a si mesmo, que do alto de sua solidão onipotente atira e mata⁷.

O século da pós-verdade carrega, portanto, em seu campo discursivo mais profundo o dilema das redes. Cabe ao sujeito defrontar-se inequivocamente com a imagem retorcida pela lente de uma sociedade marcada pela era dos pequenos narcisismos e sobretudo, pela lei da verdade imediata estabelecida pelo reflexo de um espelho voltado para o amanhã. Curiosa relação na qual o sujeito ao se debruçar na própria imagem e se ver refletido no espelho de um lago turbulento, encontra-se com a imagem e semelhança de um algoritmo. O espelho com o qual o eu se constitui e necessariamente se frustra, deixa de ser o espelho que reflete uma verdade narcísica para tornar-se uma pós-verdade narcísica sem alcance interpretativo. O outro não é mais o eu que me referencia ou que me transmite a promessa construtiva de um ideal de eu. O outro da pós-verdade é a própria imagem semelhança do falso ideal que quantifica qualidades e destrói a possibilidade de constituição de um sujeito vário, inventando de modo inexorável quantidades de características

imbricadas que hoje definem o ingresso na experiência social mais relevante e imprescindível para milhões: as redes sociais.

As *fake news* estão instaladas no núcleo narcísico do sujeito da pós-verdade e o sujeito da pós verdade retroage sob o comando de tudo o que é dito sobre ele, e apesar dele, no simplório porém complexo jogo de quantidades algorítmicas. A mentira que se apropria da subjetividade dos sujeitos contemporâneos não é uma falsa comprovação de uma verdade estruturada em desmentidos, mas sim uma complexa captura da imagem supostamente verdadeira do eu em detrimento da verdade construída sob o benefício da dúvida. O que indica que não há verdade do eu que valha a pena para o eu, salvo se for única, definitiva e aquém de qualquer experiência de alteridade. A destruição dos/as outros/as agora é confessada antes, nos modos e práticas discursivas que os aniquilam ao nascer. Fala-se apenas para si. O golpe que se articula em uma era dominada pela falsidade ideológica ou pela dúvida ética estrutural é fruto de uma época marcada pela disseminação de crenças apocalípticas ou profecias divinas. O Deus-Homem está de volta!

Na figura de um todo poderoso acima de tudo e todos, a imagem soberana do divino em aliança com valores e crenças primitivas e terroristas encontra na força da comunicação perversa terreno fértil e ágil para estabelecer o caráter absoluto da

7 No momento em que redigimos a primeira versão deste artigo, em 2021, não sabíamos do resultado das eleições de 2022, nem da reação das/os derrotada/os. Mas acompanhamos as notícias de um crime cometido por um adepto de Jair Bolsonaro que assassinou o aniversariante de uma festa com pessoas adeptas do Partido dos Trabalhadores. Assassinato mil vezes insuflado pelo então presidente que, diante do que sempre incentivou, opera como tirano irresponsável e nega qualquer correlação entre suas inúmeras incitações criminosas e assassinatos de verdade. A pós-verdade assume, então, sua conclusão: não basta apenas desacreditar os supostos mentirosos (os petistas), assim chamados porque não compartilham das mesmas crenças, é preciso destruí-los, matá-los. Trata-se da única verdade que ainda obtém algum consenso: a *morte alheia*. E do único ato capaz de conferir um sentido de potência ao agressor: o assassinato. O morto e o assassino conflagram então um não senso ritualístico, depurado e infame, cuja consequência é a explosão da experiência do comum no sangue coagulado da vítima que jamais será exorcizada de sua diferença.



*o que significa atrelar
uma identidade subjetiva a uma
“algoritmização” cibernética?
Como podemos definir esse
tão enigmático conceito
chamado algoritmo? E por fim,
será possível quebrá-lo?*

verdade. Pós-verdade aqui se torna um pós-golpe. O elemento prefixal “pós” aqui, novamente, não estabelece uma precondição temporal ou negativa do golpe, mas uma condição ainda mais drástica do rasgo narcísico. O tamanho da ferida é de tal ordem, que o que resta ao sujeito retalhado por sua insignificância algorítmica é a aliança fiel ao desmentido, sendo o próprio sujeito um desmentido que não encontra confirmação em nenhuma parte e, trôpego, cai em desespero nas redes sociais onde joga com confirmações identitárias como quem aposta tudo na roleta.

Mas o que significa atrelar uma identidade subjetiva a uma “algoritmização” cibernética? Como podemos definir esse tão enigmático conceito chamado algoritmo? E por fim, será possível quebrá-lo?

Por óbvio, podemos lembrar o ativista digital Tristan Harris, ex-funcionário do Google, quando recomenda: se puder sair das redes, saia!

A definição de um algoritmo pode ser encontrada na matemática para designar um conjunto de regras e procedimentos lógicos perfeitamente definidos que levam à solução de um problema em um número finito de etapas. Ainda respondendo ao binarismo lógico, o algoritmo estabelece-se efetivamente como processo de cálculo e sequência finita de regras, cujo encadeamento preciso e matemático propicia representações análogas para resolver problemas ou atingir um fim. Dito de outra forma, o algoritmo a quem está sendo dado o status de sobreposição e ocultamento do sujeito da contemporaneidade nada mais é que



*ainda que as feridas
narcísicas provocadas
pelos golpes cosmológico, biológico
e psicológico sejam profundas
e dignas de muita recusa,
todas essas preservam o lugar
do sujeito e sua dor*

um conjunto de regras estabelecidas pela frieza numérica de um binarismo infinito. Certo. Mas isso ainda parece pouco para entendermos o real lugar desse vocábulo tão amplamente proferido em nosso mundo digital ao qual estamos inteiramente submetidos. A ideia binária e matemática parece claramente lógica se pensarmos com a cabeça dos computadores e do mundo tecnológico. Claramente um algoritmo é a representação mais precisa de uma equação ou mesmo de uma busca inequívoca para uma solução objetiva. Não se trata aqui de questionar a importância científica ou relevância funcional, ou ainda, a verdade tecnicista dos algoritmos na vida contemporânea. Seria um contrassenso dos autores questionar a veracidade comprovada pelas ciências exatas de um algoritmo e sua real importância tecnológica; porém, cabe aqui estabelecer um questionamento ao lugar de verdade e eficácia pelo qual os algoritmos, ou ainda essa lógica binária matemática, se notabilizaram no mundo contemporâneo e seus desdobramentos devastadores no campo comunal e subjetivo. Sim, eles existem! O que nos interessa é a subjetivação do algoritmo. Ou ainda, o que esse artigo pretende retomar são as consequências desse estranho casamento: pós-verdade/algoritmo. Como podemos entender então essa lógica inversa, ou ainda, de que forma um conjunto de números pode definir a verdade identitária de um sujeito?

Acreditar cegamente na informação sem querer saber nada sobre o fenômeno ou sua origem deixa de ser uma meia verdade, ou mesmo

uma mentirinha, sem maiores consequências disseminada nas redes sociais familiares para tornar-se o ideário de um sujeito atormentado por um narcisismo em frangalhos. Nesse sentido, tratar *fake news* como mentiras espalhadas pelo vento tecnológico é fazer mal dimensão da extensão do fenômeno pós-verdade. Como já dito anteriormente as *fakes news* fazem parte do complexo pós-verdade. Dito de outra forma, a pós-verdade concebe uma complexa teia de relações e valores que articuladas e muito bem embasadas em terra plana, oferecem a certeza de uma verdade divina “algoritmada” para produzir crença em massa, e produz. Se o terceiro golpe narcísico foi definido por Freud como psicológico, dado sua complexa profundidade na estruturação de um sistema psíquico; o quarto golpe em curso tem a mentira estrutural, ou a pós-verdade, como motor de um ideal narcísico. Certo que todo golpe é necessariamente um acontecimento infausto, podemos enunciar o quarto golpe narcísico ao Ser, como o mais abrangente e eficaz dentre todos os outros. Ainda que as feridas narcísicas provocadas pelos golpes cosmológico, biológico e psicológico sejam profundas e dignas de muita recusa, todas essas preservam o lugar do sujeito e sua dor. O sujeito estará sempre referido a ideia inequívoca do que se entende por sujeito psicanalítico ou ainda sujeito do inconsciente. Portanto, pensar em um pós-sujeito significa antes de mais nada entender que sujeitos regidos pelas leis do inconsciente, ou aquele que se constitui na relação com o Outro por meio da linguagem, serão postos à prova. Longe aqui de afirmar que esse sujeito está deposto ou muito além disso, que o sujeito do inconsciente não responde mais ao imperativo da falta para se constituir. O que nos interessa neste momento é tentar estabelecer a relação entre pós-verdade e o quarto golpe narcísico. Para tanto, mostra-se essencial uma maior exploração do que estamos concebendo como pós-sujeito e seus desdobramentos no campo da ferida narcísica. Nesse sentido, podemos começar a entender o pós-sujeito como mais um significante de uma contemporaneidade na qual assujeitamentos

imperialistas definem subjetividades narcísicas em sociedades de controle. O pós-sujeito atende também pelo nome de novo sujeito pós-moderno, ou melhor, seria sujeito da pós-verdade. Se é correto afirmar que é sempre o sujeito quem sofre a perda de seu lugar imantado e central, também é certo afirmar que ao pós-sujeito cabe a árdua tarefa de não mais responder pelo seu próprio desejo, nem por sua falta e nem por sua dor. Os outros estão aí para isso, afinal. O pós-sujeito é assujeitado a uma servidão voluntária em seu desejo de não mais desejar.

Nesse contexto, o sujeito do quarto golpe é inexistente ou transformado em um não sujeito da pós-verdade. Um algoritmo! A ferida narcísica, marca fundante para toda constituição do sujeito na era da pós-verdade, foi substituída pela certeza da virtualidade ou mesmo pela ilusão de uma verdade sem lastro. Sujeito e verdade misturam-se em uma equação na qual a dúvida do devir fica a cargo de uma verdade atribuída pelos algoritmos organizadores de massa, ou se preferirmos, pela meta verdade. O quarto golpe narcísico não mais toma o sujeito como ator fundamental da cena identitária. A identificação deixa de se dar pelo registro da transmissão geracional para passar a ser uma réplica mal-acabada de uma projeção imaginária de certezas cheias de vazios. As quantidades soberanas são a miragem ante a experiência da dor. Muitos comprimidos ingeridos de uma vez, matam. A narrativa meta-verdade, essa em que a verdade é uma fumaça cinzenta e esparsa de fogo distante, tem em seu domínio o mesmo poder dissimulador de um ditador que sobe sobre as costas daqueles que lidera. Porém, ainda que seja possível identificar o tamanho da ferida contemporânea em que estamos metidos neste jogo das subjetividades virtualizadas, não cabe aqui atribuir nenhum juízo de valores. O quarto golpe narcísico aqui enunciado é antes de mais nada um fenômeno, e como tal devemos entendê-lo como um produto de um complexo de narrativas que tem como sucedâneo experiências que operam o discurso contemporâneo da morte às diferenças. Quarto golpe é o nome atribuído aqui



*nada no quarto golpe
remete aos outros três golpes.*

*No quarto e derradeiro golpe, o sujeito,
aquele que em tese responderia
narcisicamente na figura do Eu,
está foragido da realidade
na figura do avatar*

para designar mais uma, ou a mesma, ferida narcísica a que o sujeito, ou o pós-sujeito, é acometido frente a sua onipotência. A diferença substancial que esse artigo propõe é que o determinante fundamental à toda queda ou rasgo não é a perda de um lugar de protagonismo, mas sim a aceitação, ou melhor ainda, a aliança contagiosa com a figura soberana da crença na verdade cega pelo gozo de enfim ser totalmente conduzido/preenchido/escravizado sem o trabalho de inscrição, luto, pensamento e responsabilidade. Estava apenas cumprindo as ordens dos algoritmos. Ou seja, se o golpe de outrora é necessariamente marca de uma castração ao ser humano em sua presunção de onisciência, o quarto golpe oferece ao sujeito a possibilidade transferencial de se aliar com a pós-verdade para negar e recusar por completo qualquer traço castrativo. Na pós-verdade o golpe é uma figura sem figura, ou seja, o impedimento se dá sem que o sujeito possa se defender, questionar ou se opor, afinal, e seu lugar de fala está atribuído à verdade daquilo que não fala: os algoritmos obedientes a seus mestres. Nada no quarto golpe remete aos outros três golpes. No quarto e derradeiro golpe, o sujeito, aquele que em tese responderia narcisicamente na figura do Eu, está foragido da realidade na figura do avatar. Como então entender um golpe narcísico sem um Eu? O quarto golpe é a resposta para essa pergunta. O Eu foi destituído, impedido, substituído pela lógica das falsas verdades e do binarismo mudo do algorítmico. O quarto golpe, a pós-verdade, exige um contragolpe, ou ainda, um complexo



*será que podemos pensar
que a manifestação discursiva
e fragmentada de uma virtualidade
subjativa está para a contemporaneidade
assim como a descoberta
do determinismo inconsciente
para o início do século xx?*

contra-ataque. Voltemos então à nossa proposição inicial acerca de um reposicionamento da psicanálise frente à virtualidade da verdade e da subjetividade. Tomemos por certo o golpe narcísico cuja fragmentação discursiva e social dos sujeitos é prova inequívoca de uma contemporaneidade marcada pelo reflexo da miríade de um sujeito sem o outro. O outro, condição fundante para constituição do sujeito, espalhou-se pelas redes na imagem especular de um *self*. A despeito de uma manifesta fragmentação, esses sujeitos sem Eu constituíssem-se sem que a eles/as tenha sido dado qualquer lugar prévio, antecipado para que fosse possível existirem e, mesmo assim, existem. Existem?

A psicanálise, desde seus primórdios, nos ensina que o sentido dos sintomas está no seu conteúdo latente e não manifesto. Dito de outra maneira, será que podemos pensar que a manifestação discursiva e fragmentada de uma virtualidade subjativa está para a contemporaneidade assim como a descoberta do determinismo inconsciente para o início do século xx? O quarto golpe narcísico, assim delimitado, com tudo já apresentado, estabelece então, não somente um rasgo nas subjetividades e suas identificações, mas torná-se mais um marco nas pesquisas sobre o humano. Se ontem o Eu perdeu seu posto de senhor em seu castelo, hoje sua morada pode ser definida apenas como um meta-castelo. Sem morada e lançado ao futuro das virtualidades de um binarismo algorítmico, faz-se necessária uma escuta psicanalítica novamente voltada ao sujeito

do inconsciente e, sobretudo, à pedra fundamental na qual a psicanálise sempre se moldou: seu eterno compromisso revolucionário com o mais profundo da pulsionalidade humana.

Freud nos ensinou em seus primeiros escritos o comprometimento genuíno da psicanálise e sua busca constante pela verdade do sujeito. Verdade esta que sempre esteve escondida ou camuflada entre diques e caminhos profundos e tortuosos. A busca pelo conteúdo latente e suas ramificações fizeram da psicanálise uma prática científica verdadeiramente pioneira e revolucionária. Apoiado na certeza do saber de um desconhecido recalcado, Freud apresentou ao mundo o terceiro golpe narcísico. Hoje, estamos frente a mais um momento decisivo que poderíamos chamar de marco revolucionário de uma civilização, ou seja, a pós-verdade já é uma realidade, ainda que isso possa parecer uma enorme contradição. Mas é de posse de uma realidade contraditória ou conflitiva que a psicanálise sempre se mostrou atual, portanto, é com essa mesma premissa que entendemos que a psicanálise poderá e deverá se posicionar frente à virtualidade da verdade, dos binarismos e sobretudo ao imperativo de uma subjetividade moldada pela consciência moralista. À psicanálise caberá, como sempre dela se exigiu, um posicionamento no plano político-social, clínico e teórico. Pautados por uma ética amoral, leiga e sobretudo voltada ao livre discursar, aos psicanalistas será necessário restabelecer as instituições, questionar a certeza automatizada do repetir-replicar, quebrar a herança dos binarismos, destituir o falso eu algorítmico, democratizar a verdade. A velha democracia ainda é o maior lenitivo para a avassaladora onda na qual o significante liberdade rápida e consistentemente perde sua importância e lugar entre as maiores aspirações humanas conhecidas. A psicanálise por mais de um século sempre foi protagonista de uma mudança revolucionária no modo de entender a subjetividade humana e suas diversidades, não devia ser diferente desta vez! Afinal o que é a democracia senão o dever e o hábito inultrapassável da conversa. Num histórico pós pandêmico, em que

o trabalho analítico se tornou urgente, e, paradoxalmente, mais uma vez atacado, desvalorizado e suspeito, mas, ao mesmo tempo, tendo sido a própria prática clínica convidada a se virtualizar nas modalidades *online* com o surgimento de psicanalistas influencers em muitas partes, seria, talvez, ponderado que voltássemos os olhos e ouvidos para a já antiga recomendação de Harris: se puder sair das redes, saia! Nelas o sujeito não pode e nem poderá escolher entre tornar-se presença ou virtualidade; imago ou experiência; projeção narcísica maciça de seus próprios ideais, e/ou a ruína deles. Existir nas redes cobra a recusa da continuada experiência de estrangeiridade como castração às promessas de totalidade, indiferença e fome diante das migalhas da atenção de centenas, milhares, milhões de clicks, por sua vez, incapazes de constituir uma única experiência senão a de dispensar as próprias experiências.

»
*seria, talvez, ponderado
que voltássemos os olhos
e ouvidos para a já antiga
recomendação de Harris:
se puder sair das redes, saia!*

Poder *não estar* é onde, ainda, pode-se exercer o desejo de uma vida cujo imperativo não seja acumular, monetizar e lucrar com a própria vida oferecendo cotas a supostos seguidores. Mas isso implica poder recusar a instrução rígida das redes e, virtualmente, deixar de existir. Quais sujeitos após o quarto contragolpe?

Referências Bibliográficas:

- Endo P. C. A dor dos recomeços: luta pelo reconhecimento e pelo devir histórico no Brasil. *Revista Anistia Política e Justiça de Transição*, v. 2, p. 50-63, 2009.
- Endo P. A ressurgência do tirano como inscrição denegada da constituição da fratria. In: Fuks B.; Braunstein N.; Basualdo C. (orgs.). *100 anos de Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Contra-capta, 2013.
- Fuks B.; Braunstein N.; Basualdo C. (orgs.). *100 anos de Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Contra-capta, 2013.
- Freud S. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. *Edição Standard: Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 17, 1996.
- Fuks B. *Freud e a Judeidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- Fuks B. O legado de Freud. *O homem Moisés e a religião monoteísta: três ensaios*. Tradução: Renato Zwick. Ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Sousa. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- Marthe M. Tristan Harris, ex-Google: se você puder sair das redes, saia! *Veja*, 25 set. 2020. Acesso em: 27 mar. 2023. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/tecnologia/tristan-harris-ex-google-se-voce-puder-sair-das-redes-saia/>>

The Fourth Coup

Abstract The fourth narcissistic blow is the starting and ending point of this article. Therefore, we will analyze how the intimate relationship between truth and lie are intertwined in a time dominated by the phenomenon called post-truth. However, it is not exactly the diffusing force of fake news, not even the truth/lie opposition, that we are interested in investigating in this article. What provokes interest and a curious investigation is the deep connection of this phenomenon with the forms of subjectivation, or even, the convictions and beliefs that coalesce and compact around the narcissisms producing ashes.

Keywords post-truth, fake news, narcissism, coup.

Texto recebido: 04/2023

Aprovado: 06/2023